

A saga dos Imbrisi, da Toscana às Minas Gerais, e Além...

Por Marcos Imbrizi, mestre em Comunicação Social (UMESP) e graduado em História (USP).

I) Apresentação

A intenção deste texto é contar a história de meus antepassados paternos italianos, os Imbrisi, que, assim como milhares de italianos, no final do século XIX deixaram sua terra natal para tentar uma vida melhor no Brasil. Esta história completa exatos 123 anos neste ano de 2020.

Esta verdadeira saga tem início na comune de Quarrata, na regione Toscana, passa pelo porto de Gênova, uma viagem de navio de quase um mês até o porto do Rio de Janeiro e a Hospedaria da Ilha das Flores. De lá, até outra Hospedaria, a Horta Barbosa, em Juiz de Fora, a partir de onde os imigrantes eram enviados para os seus novos locais de trabalho e moradia. No caso dos Imbrisi, a fazenda Serra Negra, em Alfenas, hoje no município de Alterosa.

E a saga não termina ali. O meu avô, Edgar Imbrizi, também em busca de melhores oportunidades, no início da década de 1940 migra para São Caetano do Sul (SP), na região do Grande ABC paulista. Lá ele morou e trabalhou na Cerâmica São Caetano, onde se aposentou na década de 1970.

Foi a partir de um encontro no antigo Orkut em meados da década de 2000, que descobri a origem dos Imbrisi, que buscava há anos. Os próximos passos foram estudar italiano, viajar pela primeira vez à Itália para um curso de aperfeiçoamento de italiano. Nesta viagem fui até Quarrata, onde não existem mais Imbrisi. Numa outra viagem tive a oportunidade de conhecer o porto de Gênova.

Outra experiência emocionante foi levantar a documentação da viagem, que se encontram no Arquivo Mineiro, em Belo Horizonte. Enfim, esta verdadeira aventura está relatada neste trabalho.

II) Um pouco de história – Minas Gerais

No final do século XIX Brasil e Itália passavam por períodos que, de certa forma, se complementariam. No Brasil a exploração da mão de obra de escravos começava a chegar ao fim com série de medidas que culminariam com sua abolição em 1888. O País, no entanto, precisava de mão de obra para aquele que era o principal produto de exportação, o café.

O professor Celso Furtado confirma isto: “Na região cafeeira as consequências da abolição foram diversas. Nas províncias que hoje constituem os Estados do Rio de

Janeiro e de Minas Gerais (...) se havia formado uma importante agricultura cafeeira a base de trabalho escravo.” (1) Com a abolição da escravatura, em 1888, faltavam braços nas fazendas. No caso de Minas Gerais os trabalhos de construção de Belo Horizonte, que se tornaria a nova capital do Estado em 1897, no lugar da antiga Vila Rica, também necessitavam de mão de obra.

“Doutro lado, entrava em cena um novo país de grande emigração, a Itália, como resultado das perturbações políticas e sociais por que atravessava”. (2) Caio Prado Junior mostra que o italiano teria uma melhor adaptação com o clima e as condições frente a outros países que até então haviam imigrado para o Brasil, como os alemães. “Além disso, o italiano é um trabalhador mais rústico e menos exigente; aceitará de boa vontade as duras tarefas da lavoura brasileira”. (3) A partir de meados de 1876 eles serão a maioria dos imigrantes a aportarem no Brasil.

Segundo o professor Caio Prado Junior, neste período, o próprio governo brasileiro estimulava a vinda destes imigrantes. Para tanto, realizou campanhas nos países que contavam com pessoas que buscavam novas oportunidades. E pagava a viagem aos interessados. Ao chegarem por aqui, eram encaminhados, de acordo com as necessidades.

III) Um pouco de história – Toscana

Como vimos no capítulo anterior, no final do século XIX a Itália passava por um momento de crise. Na verdade, este momento tem início ainda na década de 1860, com as guerras que culminaram com a Unificação do País e a criação do Reino da Itália. Aliados a isto, crises agrícolas e o início da industrialização também contribuirão no processo que levará a migração de milhões de italianos.

Em seu livro *A Grande Emigração*, Emilio Franzina comenta: “A situação precedente, de mal-estar nos campos, foi transformando-se em estado de miséria endêmica, capaz de afligir então todos os trabalhadores agrícolas. As características da emigração de massa, iniciada propriamente nesse período (1887-1901), não são desconhecidos em certos aspectos (êxodo plurifamiliar, comunidades inteiras que tomam caminho de Gênova, separação absoluta do País de origem, “fuga” como alternativa à impossibilidade, experimentada ou não, de organizar-se sindicalmente etc), mas seriam necessários estudos que esclarecessem o círculo vicioso que se foi constituindo nos anos 90 do século XIX, através dos nexos que ligam mais estreitamente as funções agrícolas e demográficas às industriais e, especialmente, aos recentes monopólios marítimos franceses, italianos e ítalo-alemães”. (4)

IV) Da Toscana a Minas Gerais – Porto de Gênova

Durante anos insisti em buscar informações na Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. A cada busca, uma frustração. Não encontrava informação alguma sobre os Imbrizi. Foi o Orkut que permitiu o encontro do fio da meada das tão almejadas informações. Por volta de 2005 encontrei naquele site o cugino João Custódio. Ele tinha feito a pesquisa e encontrado o local de onde os Imbrisi partiram: a comuna de Quarrata, próxima a Florença, na região Toscana. Sim, o nome original é Imbrisi, com “s”.

O meu tataravô, Eugenio Imbrisi, 52 anos, acompanhado de sua esposa, Giovanna Imbrisi, 54 anos, e dos filhos Fortunato, 27 anos e Eliseo, 14 anos, deixaram a comuna de Quarrata, na região Toscana em agosto de 1897.

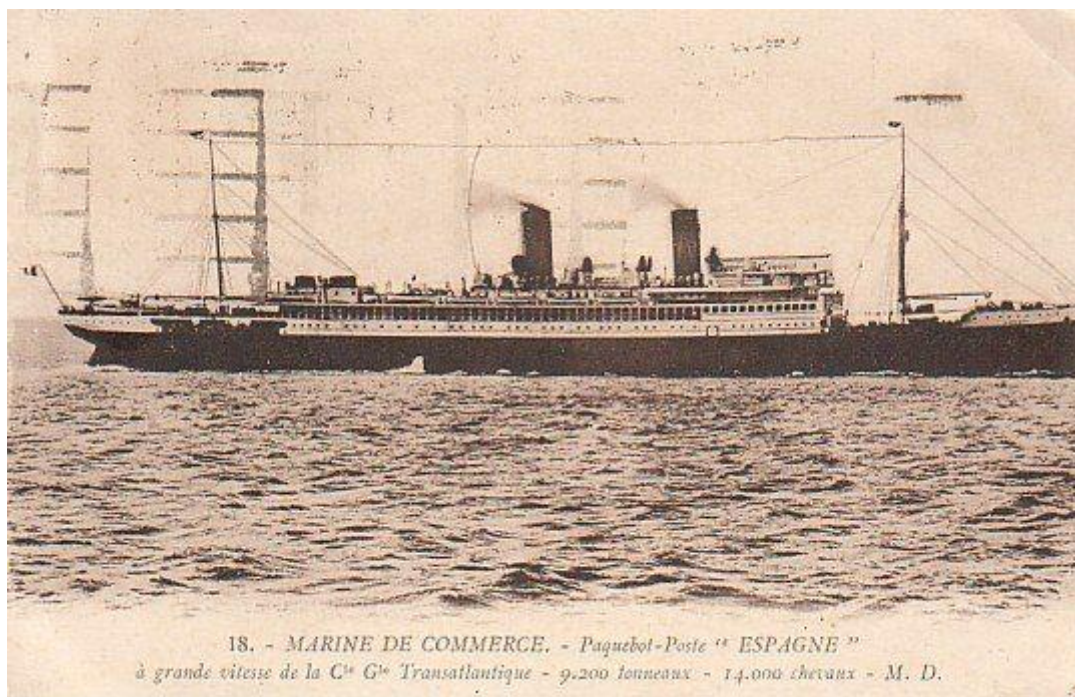
Quando estive em Quarrata, soube que os moradores se utilizam dos carroções, (carrozzoni) para se locomover por longas distâncias. Como naquela época, e até hoje, a estação ferroviária mais próxima era Pistoia. Ainda segundo depoimentos de familiares, a família Imbrisi prestava tal serviço e se desfez do carroção para fazer a viagem para o Brasil. E de Pistoia seguiram de trem até o porto de Gênova.

Sobre a viagem de quase um mês até a América temos um belo relato do jornalista Edmondo De Amicis *Em Alto-Mar* (Sull'Oceano, no original). Convidado por um jornal ele acompanhou uma viagem do porto de Gênova até Buenos Aires, passando por Montevideo. Pela obra sabemos que as agruras dos mais pobres começavam antes mesmo do embarque, que aguardavam o embarque nas ruas próximas ao porto.

Nos navios geralmente a primeira classe era destinada aos burgueses. A segunda, aos frades de famílias com posses. E a grande maioria de emigrantes pobres viajavam na terceira classe. As condições de viagem para estes eram precárias, com a proliferação de doenças e não raro a morte, narrada em um dos capítulos. O corpo era atirado ao mar.

Um outro retrato sobre a realidade da Itália neste período é o filme *Nuovo Mondo*, de Emanuele Crialese (2007). A produção mostra a história dos Salvatore, que viviam na Sicília. Assim como muitas famílias pobres, eles são explorados até na hora em que vendem os poucos pertences para iniciar a viagem, que neste caso terá como destino os Estados Unidos da América. Ao chegar a Gênova, a situação não era das melhores. O filme também retrata as dificuldades da viagem.

A viagem dos Imbrisi no vapor *Espagne* a partir do porto de Gênova tem início em 23 de agosto de 1897 e as condições da viagem não devem ter sido diferentes. O desembarque, no porto do Rio Janeiro se deu em 15 de setembro de 1897. Em buscas na Internet encontrei a foto de um vapor *Espagne* no qual a travessia pode ter sido feita.



Vapor Espagne, no qual a travessia pode ter sido feita

O antigo porto de Gênova onde os imigrantes embarcavam não existe mais. O local foi modernizado e hoje abriga espaços como o Aquário di Genova e o Gálata Museo del Mare.

No final do século XIX Gênova foi o principal porto de partida dos emigrantes italianos. De lá partiram cerca de cinco milhões de pessoas. A princípio para a Argentina e o Brasil e posteriormente para os Estados Unidos da América. Uma placa no Galata Museo del Mare atualmente informa:

“No início a emigração é principalmente adulta e masculina. São os precursores da emigração, os pioneiros. Mas depois de 1885 a emigração se torna de massa. Partem todos: homens, mulheres, velhos, crianças, Vilas (Paesi) inteiras das montanhas do norte ou dos profundos campos do sul se despovoam. E muitos destes passam por Gênova. Aqui, os emigrantes mais pobres dormem nos portões dos prédios ou nas galerias. Se o tempo é bom dormem no cais mesmo”.

O Galata Museo del Mare conta também com uma área dedicada à *memoria e migrazioni* com a reconstituição de um dos vapores com o local destinado às mulheres, os homens, o refeitório, entre outros, além da reconstituição também de uma casa de fazenda de café no Brasil. O Museo Del Mare tem um sítio na Internet: <https://www.galatamuseodelmare.it/>. E a seção Memória e Migrazioni: http://www.memoriaemigrazioni.it/prt_fotografie.asp



Reconstituição de dormitório masculino de terceira classe de vapor para transporte de migrantes no Galatea Museo del Mare. Foto: acervo pessoal

V) Da Toscana a Minas Gerais – Porto do Rio de Janeiro e a Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores

A partir de meados do século XIX, para atrair mais mão-de-obra estrangeira, o governo imperial adotou série de medidas de incentivo à imigração. Neste período a capital do Brasil, o Rio de Janeiro, enfrentava sérios problemas de insalubridade, que representava grandes problemas para o governo da época.

De acordo com o sítio do Museu da Imigração da Ilha das Flores na Internet, por conta disso, “em 1881, sob o argumento de que em épocas de epidemia a recepção de imigrantes na cidade do Rio de Janeiro exigia “conveniências da saúde pública”, o governo imperial autorizou a construção de um edifício adequado à recepção de imigrantes. (5)

Para tanto, em 1883 a Inspetoria Geral de Terras e Colonização adquiriu a Ilha das Flores e outras duas, próximas ao porto do Rio de Janeiro. No local foi construído então um galpão para abrigar 1.000 pessoas. A partir daí, a ilha se torna o local para receber os imigrantes de forma adequada.

Lá eram feitos o registro, controle médico-sanitário e o posterior encaminhamento para o lugar de destino. A implantação da hospedaria foi a política imigratória mais

importante do governo imperial, o que tornou possível regular os serviços de recepção e hospedagem dos imigrantes. Ela foi a pioneira em todo o Brasil a prestar este serviço.

A partir de então, por ordem do ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Afonso Augusto Moreira Penna, ordenou que depois de desembarcar no Porto do Rio de Janeiro, todos os passageiros vindos de portos estrangeiros em 3ª classe deveriam ser imediatamente transportados, com as suas respectivas bagagens, até a Ilha das Flores, onde seriam acolhidos gratuitamente até o máximo de oito dias.

Ao chegarem na hospedaria, os imigrantes eram alojados em dormitórios. Posteriormente, no Escritório da Diretoria, um escrivão fazia o registo dos recém-chegados em livros. Eram anotados a procedência, o nome do navio, a data de entrada, o número de ordem, o nome, a idade, o estado civil, a nacionalidade e a profissão de cada um. O próximo passo era uma consulta médica, para se verificar o estado de saúde. Assim se prevenia a entrada de portadores de doenças contagiosas.

Ainda de acordo com o Museu de Imigração da Ilha das Flores, durante muito tempo os alojamentos da hospedaria eram divididos de acordo com o gênero e o estado civil das pessoas. Assim, havia dormitórios para jovens solteiros, homens casados, moças solteiras e mulheres casadas com filhos pequenos. Depois de alojados, os imigrantes enfrentavam outra dificuldade: a adaptação à comida brasileira. A cozinha e o refeitório eram localizados próximo ao prédio da hospedaria.

Estrutura moderna – A hospedaria contava com uma estrutura moderna para a época. O local contava com sistema de captação de água da chuva e tanques biológicos para o tratamento dos dejetos para evitar a poluição da Baía da Guanabara. Em 1907, devido à precariedade em que se encontravam, alguns edifícios foram demolidos. Em seu lugar foram erguidos na novos pavilhões na ala norte. Com 124 metros de comprimento e 12 de largura, os novos prédios, com varandas laterais, eram divididos em grandes quartos mobiliados com beliches de ferro. Estas construções encontram-se preservadas e podem ser visitadas atualmente.



Alojamentos de imigrantes da Ala Norte. Ilha das Flores. Primeira metade do século XX. Acervo de Memória da Ilha das Flores. Coleção Leopoldino Brasil.

VI) A Hospedaria Horta Barbosa de Juiz de Fora

Muitos dos imigrantes que vinham para as Minas Gerais chegavam ao porto do Rio de Janeiro, ficavam na hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores, e posteriormente iam, de trem, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, para a Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora. Havia também uma ligação rodoviária. É o caso de meus antepassados, que chegaram ao Rio de Janeiro em setembro de 1.897 em busca de melhores condições de vida. A entrada da família Imbrisi na Hospedaria de Juiz de Fora se deu em 16 de setembro de 1897.

De acordo com o documento Acervos e patrimônio: registros da imigração italiana no Arquivo Público Mineiro (APM), Minas Gerais começa a receber imigrantes italianos no final do século XIX. Para estimular a vinda destes imigrantes, o governo mineiro montou um escritório na Europa (Gênova) para tratar da questão. O documento afirma que 1.888, ano da assinatura da abolição da escravidão no Brasil, foi marcado pela assinatura de diversos contratos pelo governo para incentivar a vinda de imigrantes para a então Província de Minas Gerais.

Para receber os imigrantes, o governo criou ainda diversos núcleos coloniais. E em 1.889 foi criada a Hospedaria dos Imigrantes Horta Barbosa, em Juiz de Fora, para receber os imigrantes em trânsito. A partir de 1894 Minas Gerais celebrou grandes contratos para atrair os imigrantes.

Ainda de acordo com o documento do APM, o advogado e político David Moretzsohn Campista dirigiu o serviço de imigração na Europa como comissário do governo mineiro em Gênova, Itália entre 1.894 e 1898.

Na Hospedaria Horta Barbosa os imigrantes podiam permanecer por até cinco dias. No local recebiam cuidados até serem encaminhados para os novos locais para o trabalho. Muitas vezes este prazo era estendido até que se encontrasse o novo local. Infelizmente o prédio da hospedaria de Juiz de Fora não existe mais.

VII) Alfenas e Guaxupé (MG)

De acordo com os registros no Arquivo Público Mineiro, a saída dos Imbrisi da Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, foi em 24 de setembro de 1897. De lá a família Imbrisi foi levada de trem para a Fazenda da Serra Negra, de propriedade do Dr. Octaviano de Brito, em Alfenas, para trabalhar na lavoura do café. A chegada se deu na estação Areado, em Alfenas. Recém-inaugurada na época (19 de agosto de 1897) esta estação pertencia à Estrada de Ferro Muzambinho, que ligava esta cidade a Três Corações. Atualmente a região da fazenda Serra Negra se encontra no município de Alterosa.

De acordo com informações da família, posteriormente os Imbrisi mudaram-se para a Fazenda Nova Floresta, em Guaxupé. Esta fazenda atualmente abriga um Hotel Fazenda. “Nova Floresta é simplesmente o local onde nasceu a cidade de Guaxupé e viveu o Conde Ribeiro do Valle. Sua família, hoje na sexta geração, preserva a fazenda praticamente intacta”, informa o sítio do empreendimento na Internet.

Já em Minas Gerais, o meu bisavô Eliseo se casou com Elvira Bardi. O detalhe, as famílias Imbrisi e Bardi viajaram juntas desde o porto de Gênova. A seguir contamos esta história.



Marcados com setas, na foto, Elvira Bardi e Eliseo Imbrisi e filhos em foto da década de 1920; meu avô Edgar Imbrizi é o menino á direita. Foto: acervo pessoal

VIII) São Caetano do Sul (SP)

No começo da década de 1940, mais uma vez, o meu avô paterno Edgar Imbrizi (1917-2007), parte em busca de melhores condições de vida. Na época, São Paulo, e a região do Grande ABC paulista, experimentam um processo de crescimento e industrialização. Junto com minha avó paterna, Maria Augusta Machado (1918-2004), eles deixam Guaxupé e, de trem, chega a São Caetano do Sul. Veio com eles o filho mais novo, Luiz Antonio Imbrizi, meu pai, nascido em Guaxupé em 31 de agosto de 1939, véspera do início da Segunda Guerra Mundial.

Lembro de conversas com meu avô, que durante cerca de um ano ele fez trabalhos esporádicos até conseguir uma vaga na Cerâmica São Caetano. Lá ele permaneceu por 30 anos e se aposentou como o de responsável por um dos fornos da fábrica no início da década de 1970. Aliás, a antiga fábrica deu lugar para o Shopping São Caetano e a algumas torres de apartamentos. O que restou foi um dos fornos.

Na cidade ele sempre morou no bairro Vila Gerti. Lá ele comprou um terreno, construiu uma casa. Em 1942 nasceu a filha Maria da Penha Imbrizi. No início da década de 1980 os avós paternos vendem a casa da Vila Gerti e se mudam para Corumbataí, no interior

de São Paulo. Lá a avó Maria Augusta Machado faleceu em 2004. E o avô Edgar Imbrizi em 2007. Lá eles estão enterrados.

Assim como meus avós, muitas pessoas de Guaxupé e outras cidades mineiras vieram para o Grande ABC e auxiliaram na construção e crescimento da região e do Brasil. Até hoje não é difícil, por exemplo, encontrar pessoas e até comércios com o nome: Guaxupé.

IX) Il ritorno

Depois de saber qual era a comune de origem, o próximo passo seria ir até lá. Antes, no entanto, resolvi estudar italiano. Em 2007 me matriculei no curso de italiano comunitário, oferecido pela Federação das Entidades Culturais Ítalo Brasileiras do Estado de São Paulo (FECIBESP), quando conheci a *professoressa* Sonia Galuchi. Foram quatro anos de estudos antes da primeira viagem à Itália. Neste período entrei em contato com a comune de Quarrata e consegui a certificato di nascita de meu bisavô, Eliseo Imbrisi.

Ao final do curso, em novembro de 2011, com a recomendação da professora, passei quatro semanas na Scuola Edulingua, em Castelraimondo, e fiz um curso de língua e cultura italiana. Uma experiência única. Na oportunidade, além do certificado de conclusão do curso obtive também certificazione d'italiano come língua straniera, livello Due, B-2, pela Università per Stranieri di Siena.

Após as quatro semanas do curso, de trem fui a Pistoia. De lá, de ônibus, cheguei à pequena Quarrata. Na Biblioteca fiquei sabendo que não existem mais Imbrisi na cidade. E numa caminhada, cheguei à frazione di Vignole, local de onde os antepassados saíram, de acordo com relatos da família.

Em Pistoia tive a oportunidade de conhecer ainda o monumento votivo aos soldados brasileiros mortos na Segunda Guerra Mundial.

Arquivo Público Mineiro – Como os Imbrisi se dirigiam a Minas Gerais, chegaram ao Rio de Janeiro e de lá foram a Juiz de Fora e Guaxupé. Por isso, encontrei os registros de chegada no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte. Lá estão guardados com todo o cuidado os livros de registro da Hospedaria Horta Barbosa.

Além da guarda, o local fez um belo trabalho de microfilmagem e posterior digitalização destes documentos. Os registros dos imigrantes em Minas Gerais, entre 1888 e 1901, está digitalizada e disponível ao público no site.

Certo dia agendei a visita e pude ver os micro-filmes de registro. Esta foi uma das maiores emoções que experimentei nesta jornada toda. Todos os dados dos Imbrisi e dos Bardi anotados cuidadosamente em bico de pena. Os dados de Eugenio: origem: Tizzana (uma região próxima a Quarrata) chefe da família, agricultor, católico.

E emoção maior foi ver que em sua jornada os Imbrisi estavam acompanhados dos Bardi. No mesmo vapor Espagne também estavam Giosué Bardi, 45 anos, Serafina Bardi, 39 anos, e os filhos Dusolina, 13 anos, Elvira, 10 anos, Giulio, 7 anos, Dario, 2 anos e o bebê Pietro, que pelos registros (1/12 mês) deve ter nascido na viagem. De acordo com os livros de registros no APM, os Bardi eram também de Tizzana, chegaram e saíram da Hospedaria de Juiz de Fora na mesma data. E também foram para a Fazenda da Serra Negra, no município de Alfenas, e chegaram na estação de Areado. O meu bisavô Eliseo casou-se com Elvira Bardi. E o irmão dele, Fortunato, casou-se com Dusolina.

Por parte de mãe minha origem também é italiana: Campagna e Pasian. Junto com os pais, o meu bisavô materno Antônio Campagna deixou a região do Vêneto no final do século XIX. Ele se casa com Maria Pasian. A família chega ao porto de Santos e de lá vai para a cidade de Araras, no interior de São Paulo. A família compra terras para a produção de café. De acordo com o depoimento da minha mãe, as terras foram cortadas quando da construção da rodovia Anhanguera e os irmãos decidem dividir entre eles. Os irmãos João, Luis e José ficaram com partes das terras restantes. O outro irmão, Jorge Campagna, meu avô materno, (1912-1999) com sua parte comprou o terreno na rua Florida, na Vila Barcelona, em São Caetano do Sul (SP), e construiu a casa que existe até hoje. Isto foi no final da década de 1940. Ainda em Araras ele casou-se com Minervina Fróes Campagna (1914-2000). Ele trabalhou como marceneiro em diversos lugares, até entrar na Walita, onde se aposentou no final da década de 1970. Mas esta é história para outra pesquisa.



Visita a Vignole, frazione da comune di Quarrata, de onde os Imbrisi saíram em 1897. Foto acervo pessoal

X) Conclusão

Esta é uma obra em construção. Teve início em meados de 2000 e, com este trabalho pude sistematizar algumas informações. E ele suscitou outras questões, que farão que ele tenha prosseguimento. Terei de visitar a Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores, a Fazendas Nova Floresta e Serra Negra, entre outros locais.

Os Imbrizi se espalharam pelo Brasil e além de Guaxupé e São Caetano do Sul eles estão em outras cidades de Minas Gerais, São Paulo, Paraná.

Além disso, há questões importantes a serem estudadas ainda. Como sabemos, estes imigrantes substituíram os escravos no trabalho das lavouras do café. E os maus tratos e as más condições de trabalho nas fazendas de café levaram inclusive à proibição da migração de italianos subsidiada pelo governo no Brasil. Este ato foi adotado através do decreto Prinetti, em 1902. Como eram as condições nas fazendas de Minas Gerais? Como eram as viagens de trem? Como era o tratamento nas hospedarias? Enfim, há muito ainda a ser pesquisado e escrito.

XI) Notas

- (1) Celso Furtado, Formação Econômica do Brasil. p. 139
- (2) Caio Prado Junior, História Econômica do Brasil. p. 188
- (3) Idem. p. 188
- (4) Emilio Franzina, A Grande Emigração, p. 42
- (5) Museu da Imigração da Ilha das Flores. Acesso em 29 jul. 2020

XII) Referências bibliográficas

FRAZINA, Emilio. A Grande Emigração. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Ed. Unicamp. 2006.

FURTADO, Celso. Formação do Brasil Contemporâneo. Companhia Editora Nacional. 1987.

PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. Ed. Brasiliense. 1988.

Filme Nuovo Mondo, de Emanuele Crialese, (2006, ITA)

Arquivo Público Mineiro: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>. Acesso em 07 ago. 2020

Museu da Imigração da Ilha das Flores:

<https://www.hospedariailhadasflores.com.br/museu-da-imigracao>. Acesso em 07 ago.2020

History of rail transport in Italy:

https://pt.qwe.wiki/wiki/History_of_rail_transport_in_Italy Acesso em 07 ago. 2020

Estrada de ferro Muzambinho

<https://estradas-ferro.blogspot.com/p/estrada-de-ferro-muzambinho.html> Acesso em 14 ago. 2020

Pousada Nova Floresta:

<https://pousadanovafloresta.blogspot.com/p/galeria.html> Acesso em 14 ago. 2020

Revisado 28092020